**ESCREVIVENDO COM *SÁBIAS MÃOS*:**

**MÃOS QUE PRODUZEM CONHECIMENTO ATRAVÉS DE VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS**

Danielle Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Aline Brito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Tatiana Rosa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Resumo**

A partir da oralidade e da memória como valores civilizatórios afro-brasileiros (Trindade, 2009) esta pesquisa nos faz refletir sobre outros modos e usos de produção de conhecimento no cotidiano de populações negras e indígenas. Em diálogo com nossas escrevivências (Evaristo, 2015) e a produção do curta-metragem *Sábias Mãos* (2023), enaltecemos o cinema negro e valorizarmos outros saberes ao trazer para cena uma mulher negra como protagonista, narrando sua trajetória e sabedoria através de suas *sábias mãos* e da palavra falada.

**Palavras-Chaves:** Cotidiano. Memória. Oralidade. Produção de conhecimento.

A intelectual negra, professora mineira Conceição Evaristo (2015, p. 8) nos ensina que,

Contar as histórias dos antepassados é também transmitir a força deles. Saber a tradição é estar protegido, fortalecido para “continuar ser aquilo que é e acredita ser”. A memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida.

Como todo bom ensinamento, ele traz também uma provocação: transmitir a força dos antepassados, afinal, “saber a tradição é estar protegido”, como veremos, inclusive, a seguir através das narrativas da Doné Valéria de Agué. A *memória* que é construída pelo vivido e ouvido, é transformada em lição e muitas vezes em missão.

Para contextualizar esta pesquisa, precisamos apresentar o curta-metragem *Sábias Mãos*[[1]](#footnote-1): é um trabalho coletivo concebido a partir do desdobramento de encontros e inquietações que foram transformados em uma produção audiovisual, submetido ao 9º Festival Curta na UERJ[[2]](#footnote-2). Em 2023, o tema foi “Ciência” e este nos despertou bastante interesse; afinal, como o próprio enunciado do evento informa, a ciência está presente em nosso cotidiano nas mais diversas formas e está relacionada à nossa capacidade de reflexão e relação com o mundo ao nosso redor.

O Festival nos convidou a refletir sobre a ciência e o seu papel na sociedade. A temática de fato nos fez ponderar sobre as diferentes formas de produção de conhecimento, suas diversas possibilidades e perspectivas, ou seja, o quanto ela pode colaborar na revisão epistêmica do cânone. É importante ressaltarmos que ainda são poucas as pesquisas sobre questões científicas envolvendo os saberes tradicionais das populações negras e/ou indígenas, por exemplo. É fato que ela possibilita avanços importantes, não só nas áreas da saúde, do meio ambiente, da tecnologia, da energia, mas em muitas outras; inclusive, melhorando a qualidade de vida das populações.

A pesquisa emerge dessa urgência de narrativas outras, uma mobilização para darmos continuidade às reflexões e proposições sobre as relações étnico-raciais, a partir de diversos aspectos das produções de conhecimento que se embrenharam na nossa história tal como a cultura negro-indígena brasileira. Além disso, escolhemos um dos muitos recursos da produção audiovisual: o cinema. Levando em consideração que “cinema é a arte do coletivo” (Cazé, 2020, p. 9), nos reunimos com o propósito de racializar a produção de conhecimentos para provocar o diálogo entre as comunidades tradicionais e a ciência hegemônica, entre os saberes dessas comunidades e o cânone, discutir para além do que está posto diariamente no cinema (ao deixar subentendido certa linguagem universal). Com efeito adverso, esse diálogo trata de enaltecer o cinema negro e abordar outros saberes tendo como protagonista uma mulher negra partilhando sua sabedoria e *ancestralidade* através da palavra falada.

Mobilizadas pelo Festival, revisitamos nossas *memórias* de professoras, as narrativas de estudantes da EJA que nos trouxeram os saberes transmitidos de geração em geração compartilhados durante aulas. São saberes pouco credibilizados pelo cânone estabelecido como científico, e ainda pouco ouvido por nós, ressoados por corpos subalternizados cujas narrativas articulam os valores civilizatórios afro-brasileiros, estruturados pela pesquisadora Azoilda Loretto da Trindade (2010), tais como: a *ancestralidade*, a *memória*, a *oralidade,* a *coletividade*, a *comunidade*, a *religiosidade*, a *musicalidade* e a *territorialidade*. Estes saberes nos inspiraram e nos levaram à cocriação do curta-metragem *Sábias Mãos*.

Dona Maria da Penha, uma das estudantes da modalidade supramencionada presenteou sua professora de Artes com uma garrafa de óleo de coco feito de modo artesanal, em casa, por suas *sábias mãos*. Tal presente despertou a curiosidade e atenção das professoras envolvidas no encontro e dos colegas de classe sobre o seu processo de feitura. Dona Maria deu uma aula! Ensinou e compartilhou saberes e conhecimentos tradicionais aprendidos ao longo da vida, transmitidos pelos antepassados. Outras professoras que estavam presentes, sentiram-se convidadas a contribuir, evidenciando que diversas áreas de conhecimento podem, compõem e estavam presentes na “receita do óleo de coco”.

Essas histórias nos trouxeram *memórias* de tantas outras aulas com professoras[[3]](#footnote-3) tão improváveis e tão sábias quanto Dona Maria: as rezadeiras, as benzedeiras, as parteiras, as quituteiras, as costureiras, as lavadeiras, as cozinheiras… Mulheres negras e/ou indígenas que conhecemos de ver ou de ouvir falar. Por horas ficamos lembrando delas, trocando conhecimentos aprendidos coletivamente de forma oral, perpassados por nossas mais velhas.

À medida que conversávamos, nos perguntávamos: será que essas “Donas Marias” ainda existem? Nas nossas buscas, encontramos virtualmente com algumas matriarcas e, dessas elegemos como personagem conceitual (Alves, 2010)[[4]](#footnote-4) do nosso curta-metragem a professora Valéria de Paula Teixeira, de nome religioso Doné Valéria de Agué, da comunidade religiosa de matriz Jeje *Kwe Cejá Hun Toleci*, localizada em São Pedro da Aldeia-RJ. Doné é uma senhora negra, pedagoga e matriarca. Tem na partilha de conhecimentos, a defesa da educação como caminho de transformação.

Ao acompanhar a trama do curta, descobrimos que a professora Valéria Teixeira, como também é conhecida por ter lecionado por muitos anos em diversas instituições, na sua roça, dentro de um território afro-indígena ressignificado por sua presença/prática, fundou o terreiro onde vive e pratica seus saberes aprendidos de modo comunitário, fundamentado na *oralidade* como forma de transmitir conhecimentos seus e de seus antepassados. Como uma boa mãe, Valéria tem cuidado não só da cabeça e do corpo (espiritualidade) dos seus filhos, mas também da luta pela garantia do direito à vida de todas e todos; militante, ela faz parte de grupos religiosos que combatem a discriminação e a intolerância religiosa no seu estado. De forma bastante didática, a também professora, nos dá uma aula sobre o enfrentamento do racismo a partir de suas vivências dentro e fora das instituições religiosas, da defesa do estado laico e o crime de racismo religioso. Afinal, a liberdade de consciência e de crença, bem como o livre exercício dos cultos religiosos e a proteção aos locais de culto são direitos constitucionais (Brasil, 1988).

A linguagem audiovisual, assim como as demais produções artísticas de imagens, sons e narrativas, constitui um imaginário social que alimentam impressões, concepções e opiniões sobre questões de nossa vida cotidiana em uma via de mão dupla. Além de ser uma mercadoria, um produto da arte, os cinemas são formas de se inscrever no mundo. Por isso, desde a sua gestação o cinema foi uma linguagem pela qual pessoas negras lutaram por representações positivas e que contribuíssem para o imaginário social de suas populações. Esse movimento, e conjunto de cinematografias, se aglutinou no que viemos chamar de cinemas negros – no plural para ressaltar a pluralidade de origens, estéticas e linguagens que essa produção atlântica e diaspórica compõe.

É a partir de nossa experiência na produção do *Sábias Mãos* em sintonia com a trajetória das pioneiras pela diáspora que encontramos nos cinemas negros formas de contemplar conhecimentos, histórias e tecnologias de mulheres negras e/ou indígenas.

A professora e ativista na luta antirracista Azoilda Loretto da Trindade (2010), num movimento de retorno às heranças africanas, cunhou uma mandala de valores que orientam a civilidade numa perspectiva afro-brasileira. Para além da cultura lúdica que vai do samba ao futebol, estes valores evidenciam a contribuição de africanas e africanos em diversos outros aspectos. Encontramos valores como a *memória* e *oralidade*, elementos muito presentes na fala de Doné Valéria de Agué e de tantas outras *mãos sábias*. Quanto às “audiovisualidades”, como nos informa os pesquisadores Leonardo Nolasco-Silva e Vinícius Reis (2021, p.4), “Não se trata da feitura de um produto, mas da experimentação de um processo baseado na fruição, na apropriação e na ressignificação de uma ou mais obras audiovisuais”, portanto tem o poder de registrar *memórias* e manter viva a palavra de pessoas por anos e anos fazendo com que conhecimentos, como a arte do dendê, cheguem a ouvidos, olhos e corações que talvez não tivessem a oportunidade do contato.

No propósito de alcançar um público mais amplo e diverso *escrevivemos* (Evaristo, 2015) com as nossas escutas. A *oralidade* é um dos principais valores para as sociedades africanas e suas descendentes. É na força da palavra cantada, encantada e falada que saberes, costumes e tradições se perpetuam por gerações e gerações. Numa sociedade dominada pela visualidade (Oyěwùmí, 2002), se concentrar no que uma mais velha tem a passar com a entoação de suas palavras é um refresco, um bálsamo. Contemplar uma fala carregada com tanta história, com tanta vivência é uma forma de ir na contramão do ideal ocidental em relação ao registro escrito, visual e letrado. Reconhecer a *oralidade* como forma de encantamento é se aproximar das tradições africanas e indígenas que acabam sendo atacadas e soterradas cotidianamente pelos tentáculos do racismo.

Assim, por qual razão *escrevivemos*? Primeiro, por entender que a ideia de escrevivência de Conceição Evaristo extrapolou a literatura e se embrenhou em outras áreas, por exemplo, a pedagogia e a fotografia. Aliás, como bem nos lembra a própria autora, a escrevivência quer borrar/se vingar (d)aquela imagem da mãe preta cuidadora da Casa grande em cujo espaço a negra escravizada não tinha o direito fundamental da fala (Evaristo, 2020), muito menos da escrita. Em segundo lugar, pensamos nesta experiência escrevivente seguindo as pontuações de Conceição: trouxemos a importância de (re)pensar outras culturas, ciências e práticas a partir das imagens filmadas e a partir do som da voz da nossa personagem pois é sua própria fala que sustenta sua narrativa. Além disso, as histórias de Doné carregam outras pessoas atravessadas pelo seu território. Ou seja, suas *sábias mãos* deformam as imagens escravizadas supracitadas e as reinventam, jogando para tela o manuseio de outras possibilidades de conhecimento científico. E, para completar, com esta escrita produzida por mulheres negras ressaltamos a importância de deixar registrado as experiências que nos constroem.

Fizemos, ainda, uso da “metodologia do encontro” (Passos, 2014) para esta pesquisa, e através das *tecnologias de encontro* (Nolasco-Silva; Reis, 2021)*,* nos reunimos em diversos momentos. Este, que é o desdobramento do curta-metragem já mencionado, tinha como um dos objetivos principais a valorização da arte da palavra, através do audiovisual. A voz da nossa personagem conceitual (Alves, 2010) ecoa ao narrar suas experiências e produções científicas com o uso de suas *sábias mãos* e o auxílio de artefatos técnicos (suas bacias, panelas, táticas, etc.), nos colocou como espectadoras-interlocutoras da criação de ‘*conhecimentosignificações’* (Alves, 2019) na produção da feitura do óleo de dendê como ciência.

Doné é uma fonte que nos nutre com seus conhecimentos, ouvir sobre a feitura do dendê é uma maneira de alimentar as práticas e teorias da Educação com narrativas ancestrais e tão científicas quanto um livro didático. O desabrochar do óleo do dendê é um prato cheio para o ensino das Culturas e Histórias Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas como instituído pelas leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Os cinemas negros, indo ao encontro destas leis, rompem com olhares estereotipados cujo alcance hierarquizam pessoas pela cor de suas peles e por suas crenças de valor. Cadenciada pela trilha musical dos batuques, a narrativa de *Sábias Mãos* ressoa África na fala de Doné – narramos aquilo que não conseguimos ver e expandimos nossa capacidade de imaginar e fruir novos mundos. Oyěwùmí (2002) discute a incorporação de outros sentidos, sobretudo, a audição em nossa capacidade de perceber o mundo, distante da ideia de cosmovisão, restrita à visão, imposta pelo mundo ocidental.

Em sintonia, por sermos professoras, ao nos depararmos com a potencialidade pedagógica das palavras de Doné, reconhecemos uma grande capacidade formativa para docentes em qualquer momento de sua trajetória. Uma mulher negra, matriarca de terreiro, experiente no manejo das plantas e detentora de conhecimentos expressos a partir da *oralidade*, traz um extenso repertório através da linguagem audiovisual que compõe um processo de contra hegemonia. Ela encerra o curta-metragem (re)afirmando: “tudo isso é ciência!”. Nós aqui, em concordância, seguimos também com tal afirmativa, em defesa de outros modos e usos de produção de conhecimento, que nos possibilitam estabelecer e ampliar nossa comunicação através da audiovisualização da ciência (Nolasco-Silva; Reis, 2021).

Já apontava bell hooks (2013, p. 228): “o poder dessa fala não é simplesmente o de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também o de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas”. E não é esse o poder do audiovisual e de tantas outras formas de se comunicar e produzir conhecimentos nos cotidianos? E não é esse o poder dos valores civilizatórios afro-brasileiros ao contar as histórias dos antepassados e se proteger através da tradição? *Sábias Mãos* é certamente uma resposta fundamental para tais questões.

**Referências**

ALVES, Nilda. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos**: para além dos processos de regulação. *In*: Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.- dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024.

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. P**ráticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988.

CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira (org.). **Mulheres negras na tela do cinema**. Vitória: Pedregulho, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasilidade: história e memória**. *In*: REVISTA RELEITURA – ISSN1980-3354, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, novembro, nº 23, 2008, p.1-17. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista\_releitura\_v23.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre obra de Conceição Evaristo / organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; REIS, Vinícius. **Currículos fabulados, gênero encenado e a audiovisualização da ciência**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613611175\_ARQUIVO\_d3748bf0e4889fcb1799a 5dd18b7dfb6.pdf. Acesso em: 02 mar. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects.** *In*: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. **Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação:** relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. *In*: Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398/22082>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

1. Link para acesso ao curta-metragem *Sábias Mãos* (2023) que está disponível gratuitamente no Canal do *YouTube*: <https://youtu.be/gYIy9jyfV08>. E-mail: [sabiasmaos.uerj@gmail.com](mailto:sabiasmaos.uerj@gmail.com). [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em: https://www.curtanauerj.uerj.br/. Acesso em: 25 abr. 2024. [↑](#footnote-ref-2)
3. Como bell hooks (2013) nos ensinou a transgredir, decidimos aqui brincar com os sentidos das palavras ao considerar essas mais velhas como professoras e seus ensinamentos como aulas, mantendo todo o respeito com a categoria docente, homenageando também a arte da *oralidade* como uma prática pedagógica. [↑](#footnote-ref-3)
4. A pesquisadora Nilda Alves (2010, p.1203) nos informa que “Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se “conversa” e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se criem novos conhecimentos”. [↑](#footnote-ref-4)